

O NOVO ALUNO

The new pupil

Talita Miranda Ribeiro

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
talitamiribeiro@hotmail.com

Giovane Nascimento

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
giovanedonascimento@gmail.com

RESUMO: Na história da existência do homem, percebe-se que o sujeito, de acordo com sua época, vem se transformando até chegar ao contexto presente do século XXI. Do Sujeito do Iluminismo centrado, unificado, rígido, passando pelo Sujeito Sociológico interacional – eu, o outro e a sociedade –, flexível, até chegar ao Sujeito Pós-Moderno, atual, flutuante, em construção, demandado por representações culturais. É com base neste último sujeito, contemporâneo, que propomos neste trabalho uma análise dos indivíduos, hoje interligados às novas tecnologias, junto à instituição escolar. O presente estudo aborda questões que se referem ao novo aluno e ao novo professor que a atualidade, com seus avanços tecnológicos, vêm transformando. Aponta-se, ainda, a necessidade de se repensar as práticas educacionais, que parecem já não atender com êxito à realidade atual da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Novas Tecnologias. Contextualização. Aprendizagem Significativa.

ABSTRACT: In the history of man's existence is perceived that the subject, according to his age, has been transformed to reach the present context of the XXI century. Subject-centered, unified, disk Enlightenment, through interactional Sociological Subject - I and the other society, flexible, until the Postmodern Subject, current, floating in construction, defendant cultural representations. Based on this last subject we propose in this paper an analysis of the reality of these individuals, now linked to the new technologies, with the school institution. This study addresses issues that relate to the new student and new teacher that today with its technological advances are transforming. It highlights the need to rethink educational practices, it seems that no longer meet successfully the current reality of the school.

KEYWORDS: School. New Technologies. Contextualization. Meaningful Learning.

1 O novo espaço e a escola

A educação hoje perpassa um novo espaço, o da Inteligência e do Saber Coletivo, conceitos já trabalhados no início do século XX por Pierre Lévy (1996, 1999, 2007), filósofo da informação. As novas tecnologias vêm, a cada instante, agrupando mais e mais pessoas ao seu uso. Para Lévy (2007), os advindos da internet colaboram para uma comunicação sem fronteiras, uma nova forma de comunicação, como em uma identidade

em rede, que pode gerar uma identidade coletiva, visando ao desenvolvimento humano. Movimento tecnológico este que não poderia deixar de ser percebido, principalmente em sala de aula e, em seguida, debatido pelos profissionais da educação.

Levy (1999) aponta pontos positivos no que se refere à junção do virtual com a educação. Em seu livro *Cibercultura*, o autor apresenta perspectivas favoráveis à educação a distância. Essa nova realidade organizada pelo saber provoca uma profunda mudança na sociedade e a convoca a aprender e produzir novos conhecimentos, e ainda a se adaptar ao surgimento de novas ferramentas como o ciberespaço – um espaço interativo e móvel.

Assim como o cinema não substitui o teatro mas constitui um gênero com sua tradição e seus códigos originais, os gêneros emergentes da cibercultura como a música tecno ou os mundos virtuais não substituirão os antigos. Irão acrescentar-se ao patrimônio da civilização enquanto reorganizam, simultaneamente, a economia da comunicação e o sistema das artes (LÉVY, 1999, p. 137).

As novas possibilidades advindas da evolução tecnológica modificam a realidade da sociedade. Então, uma renovação do laço social emerge por meio do conhecimento e da inteligência coletiva, um trabalho em comum acordo. Mutáveis, homens, coisas, técnicas, capitais, signos e saberes renovam-se e giram continuamente. Instalam-se redes tecendo um espaço de circulação. Segundo Lévy (2007, p. 16), a inteligência coletiva é “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta uma mobilização efetiva das competências [...]”. A interligação entre as pessoas se dá em meio a um novo sentido e forma, ou ainda, não-forma. Se é preciso reorganizar-se para não ser excluído do meio, como utilizar essas ferramentas tecnológicas de forma a agregar valor à vida do ser humano?

O problema da inteligência coletiva é descobrir ou inventar um além da escrita, um além da linguagem tal que o tratamento da informação seja distribuído e coordenado por toda parte, que não seja mais o apanágio de órgãos sociais separados, mas se integre naturalmente, pelo contrário, a todas as atividades humanas, volte às mãos de cada um (LÉVY, 2007, p. 17).

Esses são questionamentos que hoje, no século XXI, se fazem presentes nas instituições escolares, em que o aluno é o protagonista. Observa-se uma disputa entre a aula e o acesso ao celular. Esse é um campo ainda perigoso, em que as novas tecnologias redirecionam a atenção e interesse dos alunos para o espaço virtual, um não-lugar, retirando-os da sala de aula, ou seja, do ambiente físico, até então estigmatizado a ser propício à aquisição de conhecimento. Se para Pierre Lévy (2007) é aceitável e natural a inserção e uso das novas tecnologias como pontos positivos na vida do ser humano, as instituições escolares ainda não afunilaram um caminho produtivo no que se refere ao tema.

A seguir, apresentamos uma matéria de um dos principais jornais do estado do Espírito Santo sobre o assunto em questão, que vem ocasionando muito transtorno nas escolas:

O caso aconteceu na manhã da última segunda-feira (23) na EEEM Dr. Silva Mello durante uma aula de inglês.

Um vídeo que circula nas redes sociais tem gerado discussão entre alunos, pais e professores. Nas imagens é possível ver um professor gritando com uma aluna dentro da sala de aula. Visivelmente nervoso, o professor grita pedindo "respeito" a aluna e em seguida pede que ela saia da sala.

O professor Loren José Guimarães dos Santos Filho afirma que foi desrespeitado pela aluna, que usava o celular durante a aula. "Não só ela usava, como outros alunos. Eles riem e zombam. A gente tem que corrigir para não virar bagunça. Tem que fazer voltar a ordem", conta.

O caso aconteceu durante uma aula de inglês para uma turma do 2º ano, na manhã da última segunda-feira (23), na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Silva Mello, no bairro Parque da Areia Preta, em Guarapari. Em poucas horas, o vídeo circulou por redes sociais e WhatsApp provocando discussões.

Segundo o professor, que dá aula há sete anos, as escolas sofrem com o abuso do uso do celular por parte dos alunos e que, no momento, ele só estava tentando dar a aula.

"Tem 40 pessoas em uma sala de aula. A escola já não está em boas condições, faz um calor terrível e ainda tem barulho, gente falando alto, brincando, conversando, saindo, voltando... Se você falar baixo ninguém te ouve. Muitas vezes você é obrigado a agir", explica.

Fonte:

<http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2015/02/noticias/cidades/3889916-uso-de-celular-em-sala-de-aula-tira-professor-do-serio-veja-video.html>. Acesso em: 06 mar. 2015.

A realização de um estudo de caso sobre o assunto em questão nos aponta um levantamento de dados relevantes referentes a algumas turmas do Ensino Médio, mesclando matutino e vespertino, da Escola Estadual Domingos José Martins em Marataízes, Espírito Santo. Objetivando identificar a realidade do corpo discente dessa instituição, no que se refere à utilização ou não de ferramentas de interação *online*, como *Facebook* e *Whatsapp*, e suas percepções sobre o uso das mesmas. Questões como: se eles reconhecem que essas ferramentas atrapalham ou não o processo de ensino aprendizagem em sala de aula e se os conteúdos escolares são ou não mais interessantes que o uso das ferramentas para o entretenimento, nortearão o debate neste trabalho.

Foram entrevistados, através de questionários fechados, 69 alunos, com faixa etária entre 15 a 19 anos, em sua maioria alunos de 16 e 17 anos. Pode ser observado na pesquisa que todos têm algum vínculo com as ferramentas tecnológicas oferecidas atualmente, e que a maioria possui tanto perfil na rede *Facebook* quanto no *Whatsapp*. Esses são dados que, a princípio, constataram o que já se esperava: a inclusão dos alunos no mundo digital. Entretanto, a excessiva interação dos alunos com as novas tecnologias é um fato, hoje, preocupante no sistema educacional. De acordo com o que se vê e se ouve falar nas instituições escolares e nas mídias, inclusive sobre os abusos ocorridos nas escolas, observa-se a capacidade que o mundo moderno, com suas estratégias criativas, apresenta de transformar o dia a dia do ser humano, no que se refere à captação da atenção e ao envolvimento quase que vicioso do sujeito envolvido.

É relevante perceber que o uso das ferramentas tecnológicas, de acordo com essa pesquisa, nos parece ser muito mais pessoal do que profissional, já que, de 69 entrevistados, apenas 12 possuem algum vínculo empregatício. A pesquisa propôs questões sobre o uso do celular em sala de aula e o processo de ensino-aprendizagem

com a preocupação de perceber a noção dos alunos no que se refere à falta de atenção ao conteúdo explicado pelo professor em sala de aula, se ao mesmo tempo o aluno estiver usando os aplicativos do celular. De acordo com os dados obtidos, três alunos disseram que o uso do celular não atrapalha seu aprendizado, 16 alunos disseram que sim, atrapalha, e a maioria, 40 alunos, disseram que atrapalha às vezes. Com relação ao conteúdo em sala de aula comparados aos conteúdos dos aplicativos, o interesse dos alunos se mostrou da seguinte forma: três disseram que se interessam mais pelo conteúdo do celular, 35 disseram que às vezes a aula é mais interessante que os conteúdos oferecidos pelas mídias sociais e 31 disseram que os conteúdos das aulas são mais interessantes.

Se esses alunos percebem que o uso do celular em sala de aula atrapalha o seu próprio aprendizado, por que eles ainda o utilizam com tanta frequência? Algo deve ser repensado sobre, talvez, os vícios que essas ferramentas podem estar desenvolvendo nas pessoas?

2 O indivíduo sem espaço ou nas nuvens

A identidade é uma junção de características que marcam e diferenciam os seres humanos. O antropólogo, conferencista, consultor, colunista de jornal e produtor brasileiro de TV, Roberto DaMatta, aponta em seus estudos a importância das questões de identidade, afirmando nossa diferença entre os animais irracionais: “Sobretudo quando nos damos conta de que o homem se distingue dos animais por ter a capacidade de se identificar, justificar e singulariza: de saber quem ele é” (DAMATTA, 2002, p. 15).

Devemos levar em consideração como estão sendo construídas as identidades nos dias de hoje. Trata-se de um tema relevante no que tange à formação de uma sociedade, que permeia a estrutura familiar, escolar, religiosa, entre outras, e que se organiza em torno de imagens dinâmicas, que o indivíduo produz por intermédio de exploração e transformação das realidades virtuais das quais participa. Um novo mundo oferecido pelas novas tecnologias ampliam os horizontes de possibilidades dos indivíduos, que em rede, podem se perder ou, se bem orientados, tornam-se indivíduos “antenas” e críticos.

O conhecimento, o pensamento, a invenção, o aprendizado coletivo oferecem a cada um a participação em uma multiplicidade de mundos, lançam pontes por cima das separações, sejam elas, territoriais, de classe, de gênero e raça, fronteiras que são destruídas com um simples conectar à internet. Stuart Hall, sociólogo e teórico cultural voltado para os estudos da cultura e dos meios de comunicação, lança a pergunta que nos cabe avaliar: “Especificamente, como as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização?” (HALL, 2006, p. 47).

Quando a criança ou o adolescente ainda têm pouco acesso à internet, eles estão conectados sempre que podem à televisão, que também, com grande poder de informação e entretenimento, consegue prender a atenção imediata dessa ingênua parcela de nossa sociedade. São propagandas, desenhos e programas, todos estruturados em estratégias que trabalham o subliminar para atingir seus objetivos econômicos, em sua grande maioria. A questão é: até que ponto essa rendição dos indivíduos aos veículos de comunicação é positiva na criação, formação e desenvolvimento cognitivo e sensorial da sociedade? De acordo com os pensamentos de

Piaget (1979) e Vygotsky (2007), estudiosos das teorias do desenvolvimento humano, o meio interfere no processo evolutivo, portanto, essa interferência atual precisa ser pesquisada e debatida.

Um sujeito em sua fase estudantil ainda está em “construção” de sua própria identidade. Em meio a problemas familiares, posicionamento perante o mundo e suas possibilidades, a busca pela aceitação, dentre outras questões que esse indivíduo está vivenciando em determinada fase, o tornam frágil, influenciável. As inúmeras possibilidades apresentadas pelas novas tecnologias oferecem facilidades que aproximam o que é distante, mas, ao mesmo tempo, podem iludir, no que se refere a esse indivíduo em construção. Parece-nos que ele necessita de uma certa orientação, ou de limites, e de uma boa estrutura, seja familiar ou até mesmo o sistema escolar, para ajudar a redirecionar e, assim, lapidar e excluir, quando necessário, os novos caminhos possíveis, para que o sujeito não venha a se perder. Porém, é fato notório que a família de hoje vem perdendo a sintonia; pais e mães, que, em sua maioria, ainda não acompanham a realidade virtual, por vezes, podem perder o contato com seus filhos, o que acaba por gerar um distanciamento familiar. Essa é uma realidade volátil em que os pais não estão, sem generalizar, acompanhando a evolução das tecnologias de informação, muito bem empregadas e facilmente utilizadas por seus filhos desde novos.

Trata-se de muita informação, mas que precisa ser filtrada. Não se pode deixar ser influenciado por elas a ponto de incorporar as “chuvas” de informações que se encontram nas “nuvens” sob nossas “janelas”, sem antes avaliá-las. Nem sempre a chuva faz bem; às vezes, causa inundações e verdadeiras catástrofes. “A construção de uma identidade social, então, como a construção de uma sociedade, é feita de afirmativas e de negativas diante de certas questões” (DAMATTA, 2002, p. 17).

Os conceitos atuais de indivíduo e identidade apontam para um “sujeito fragmentado”. Não há uma identidade fixa e estável, mas sim aberta, contraditória, inacabada. Em meio a tantas opções advindas da globalização, que interferem na vida dos brasileiros, cabe a pergunta: tudo isso vem desenvolvendo um indivíduo crítico, aquele que repensa antes de assumir uma linguagem, um estilo, uma forma de se vestir, ou apenas um indivíduo que aceita, como um ser passivo e copiator?

3 O meio escolar

A escola de hoje no Brasil não é mais como há 40 anos, quando reformulada a Lei de Diretrizes e Bases de 1971, e nem mais como em 1996, quando sofreu mais uma reformulação. De lá para cá, muitas mudanças na sociedade como um todo vêm acontecendo, e essas geram conflitos na educação e acabam por formar um novo público/aluno. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2000) propõem o direcionamento da educação: preparar o aluno para a vida, qualificá-lo para a cidadania e trabalho e ainda para a continuidade nos estudos, aprender a aprender. Os PCNs chamam nossa atenção para a importância da contextualização, seja em que área for: Ciência da Natureza e Matemática, Ciência Humana ou Linguagens e Códigos. Os PCN apontam também a relevância da interdisciplinaridade entre as disciplinas propostas, o que não as dilui ou elimina, mas sim as organiza e interliga.

Propostas em lei, em documentos de orientação e de apoio foram feitas pelo

Ministério da Educação e Cultura do Brasil para um início de século XXI melhor na educação. Ler essas propostas nos dá ânimo, como professores. Mas temos que convir que as escolas, como instituições educacionais, ainda estão longe de contemplar esses novos parâmetros, como pode ser observado no trecho a seguir:

A escola como cenário real da reforma educacional.

As reformas educacionais iniciaram-se há pouco mais de meia década e pode ser que custe mais uma década para promover as transformações pretendidas, em escala nacional. Mas já se percebem experiências importantes em muitas escolas brasileiras que desenvolvem novos projetos pedagógicos e novas práticas educacionais, nas quais leituras, investigações, discussões e projetos realizados por alunos superam ou complementam a didática da transmissão e a pedagogia do discurso. Essas novas práticas, usualmente, são resultado de um trabalho de toda a comunidade, em cooperação com a direção escolar, em apoio à transição entre o velho e o novo modelo de escola (BRASIL, 2000, s/p).

O alunado deste século está conectado a tudo e a todos. Em questão de minutos, ou até mesmo segundos, é possível saber o que se passa nos quatro cantos do planeta. Muita informação, que nem sempre é absorvida da melhor forma, se transformar em conhecimento. Como lidar com essa nova geração é uma questão em aberto nas instituições escolares.

Assim, chegam à escola os “ciberalunos”, em sua maioria, com uma identidade ainda em formação, completamente conectados às novas tecnologias e que, em muitos momentos, apresentam falta de interesse pelos conteúdos advindos das escolas. Instituições essas tradicionais, ou seja, que seguem estruturas ainda não realmente adaptadas à nova realidade social. Um “caldeirão cultural” repleto de alunos cheios de energia física e mental, advindos de meios e criações que os formam diferentes, é um exemplo do que se pode comparar com as escolas atuais. Lidar em sala de aula com essa pluralidade cultural vem sendo um desafio constante para os educadores.

4 Como num dominó

Os educadores acabam sendo inseridos, duas vezes, nessa nova realidade: como indivíduos participantes dessa sociedade em mutação, que podem escolher por interagir ou não com as novas tecnologias, e também como profissionais da educação que ao interagirem com seus alunos internautas se vêem no dilema da familiarização ou não com as novas ferramentas tecnológicas para contextualizarem suas aulas. Em meio a mudanças, é preciso parar de culpar o sistema e unir forças intelectuais e criativas para que haja uma reformulação das práticas de ensino e conteúdo, o que culminará com adaptações dos planos de aula, instrumentos de trabalho do professor.

É preciso ir além do padronizado e ultrapassar a opressão que a repetição gera e olhar ao redor, para então perceber que o aluno tem por de trás dele uma mochila, cheia de informações desorganizadas e que precisa ser arrumada. É o professor que deve mediar esse misto de sentimentos e pensamentos e apontar a eles um norte, como que preparar o aluno para uma longa viagem, a trilha da educação. Se para tal atitude o professor se colocar com carinho e atenção, perceberá que esse indivíduo não chegou à

sala de aula vazio. E que tudo aquilo ali dentro pode estar pesando ou não em sua caminhada de vida.

Às vezes é preciso jogar algumas coisas fora, às vezes é preciso mudar o rumo, às vezes é preciso acrescentar algo, dentre muitas outras opções que uma caminhada nos exige. Assim se faz, então, a “função poética” do educador, uma educação mais sensível. Ajudar o aluno a arrumar sua “mochila”, colaborar com uma melhor ou mais apropriada bagagem cultural.

Atitudes que se adequam ao decorrer do tempo têm como direcionamento a primeira finalidade da educação básica de acordo com o Artigo 22 da LDB/96: a “formação comum indispensável para o exercício da cidadania...”. Diante da obrigação do cumprimento dessa lei, o educador não tem direito de ignorar a condição extraescolar do educando. Os pilares da educação nas sociedades contemporâneas propostos pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), tomam como base quatro saberes, que funcionam como: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser (BRASIL, 2000).

Esses são saberes cuja conquista ultrapassam a mera aquisição de informação, uma vez que abarcam a formação humana e social do indivíduo. Objetivos tão amplos certamente não serão atingidos com um ensino conteudista e fragmentado. O conhecimento que se quer proporcionar ou construir deve levar a um alunado reflexivo e crítico. Esse conhecimento, dito escolar, encontra-se organizado em disciplinas, componentes do currículo escolar, que precisa visar à articulação dessas disciplinas. Os PCNs recomendam expressamente que o processo de ensino-aprendizagem privilegie a interdisciplinaridade. Um educador com sabedoria pedagógica é aquele que, além do conteúdo, sabe perceber o seu aluno e consegue fazer interagir o seu saber com o saber do aluno e as demais disciplinas.

Se as ferramentas tecnológicas estão presentes de forma “massificadora” na vida dos discentes, seus professores poderiam estar de certa forma usando-as em sala de aula, até mesmo como forma de atrair a atenção e interesse dos alunos, tomando-as como ferramenta de ensino. Para tanto, o profissional precisará interagir com essas ferramentas, conhecê-las e aplicá-las em seus planos de aula. Mas seria possível essa interação? O professor está hoje buscando se adaptar a essas tecnologias da informação, para que então, futuramente, possa vir utilizá-las em seus planos de aula, quando assim convier e apresentar relação com o conteúdo a ser trabalhado.

Pensando nessa questão, foi realizada também uma pesquisa, com questionário fechado, com 29 professores da mesma escola anteriormente citada sobre o mesmo tema. Os resultados nos mostram que do total de professores entrevistados: apenas um não possui sequer uma ferramenta tecnológica pesquisada; dois possuem conta no *Whatsapp* apenas; 16 possuem apenas *Facebook*; dez possuem as duas ferramentas. Esses são números interessantes que apontam o professor, pelo menos dessa instituição de ensino, como aquele que busca estar conectado com as novidades tecnológicas ofertadas. Quem sabe, a partir do momento em que eles obtiverem certa segurança poderão utilizá-las em sala de aula de forma produtiva? Encontrar o melhor caminho para a interação entre professor e aluno nos parece um ponto relevante a ser pensando, para, então, lidarmos melhor com as questões acima apresentadas.

5 Um alunado crítico

É muito diferente a situação em que o aluno memoriza e reproduz dados (retenção de informação) daquela em que o estudante é orientado sistematicamente para compreender e dar sentido à informação obtida. Uma aprendizagem significativa prima por um aluno crítico e reflexivo dentro do seu meio, o que proporciona ao indivíduo um apressamento pelo conhecimento, que se torna importante para ele, quando consegue contextualizá-lo. Toda criança quer aprender, a questão é perceber o que elas têm interesse e ligar os conteúdos programáticos a esse interesse. Assim, estarão reconhecendo o assunto trabalhado na escola e o relacionando com seu dia a dia, o que possibilitará um maior aprendizado sobre o tema. Conforme Vygotsky (2007), o desenvolvimento ou a maturação é visto como uma pré-condição do aprendizado, mas nunca como resultado dele.

Para tal, é preciso que os componentes do processo de ensino-aprendizagem, professor e aluno, interajam. Segundo o sociólogo russo, é pela interação com o meio, através de um mediador, que há a aprendizagem. Ele aponta a existência da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como um estágio de evolução do indivíduo, possibilitado pelo desenvolvimento daquilo que o indivíduo já sabe, o repertório, que Philip Kotler, especialista em Marketing, classifica como aquilo que o indivíduo pode aprender. Assim, também aponta Bourdieu (1992), em suas teorias do capital cultural como forma de integrar o aluno já com sua bagagem de vida e as possibilidades de novos conhecimentos a serem agregados, unindo as vivências às novas possibilidades, propondo uma significação dos conteúdos quando o aluno faz a ligação do novo conhecimento com aquilo que ele já ouviu dizer, e/ou experimentou. Vygotsky (2007) refere-se à relevância do repertório a ser ativado no indivíduo no que tange a combinar elementos dos campos visuais, presente e passado, num único campo de atenção, o que leva ao desenvolvimento de outra função cognitiva fundamental, a memória.

Esse é o espaço que Vygotsky chama de ZDP e que o professor deve conhecer e saber nele trabalhar, instigando no aluno o interesse cada vez maior pelo conhecimento. É assim que o indivíduo avança no sentido da abstração e da generalização. Esse é um conceito de fundamental importância para as práticas diárias de ensino, pois considera o desenvolvimento cognitivo dos alunos como um todo, importando-se, ao mesmo tempo, com o que já está internalizado e, também, com aquilo que está por vir, em processo de amadurecimento. Segundo Vygostky (2007, p. 97), a ZDP é a:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela solução de problemas feita de maneira independente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela solução de problemas feita sob a tutela de um adulto ou em colaboração com pares mais capacitados.

O fato de as atividades escolares ocorrerem em situações de comunicação interpessoal (professor-aluno, aluno-aluno) exige constante reflexão, pela necessidade de negociar sentidos e elaborar significados coletivamente, principalmente na voraz expansão de informação que nos encontramos. Como se vê, as atividades escolares podem desencadear atitudes reflexivas e críticas responsáveis pela contínua escolarização e aprendizagem do aluno, suscitando um indivíduo ativo na sociedade; basta que a instituição de ensino e seu corpo docente estejam dispostos a se atualizar

num processo sempre dinâmico e em construção.

Contextualizar é o direcionamento atual da educação. Mas se o assunto tão em voga nas escolas é o uso de celular em sala de aula, ou seja, estar conectado à internet por seus aplicativos no celular dentro de sala de aula, durante a aula, por que não criar uma forma agradável a todos? Se para uns as novas tecnologias são positivas e para outros não tanto, desenvolver uma adaptação às realidades se faz necessária, até mesmo na escola. Criar uma problemática sobre o tema e inserir a questão para todos os participantes sociais como proposta de gerar uma alta reflexão possibilitaria mais uma vez a autonomia intelectual de todos, buscando encontrar um consenso. Contextualizar propicia ressignificar e solucionar problemas.

6 Conclusão

A educação no Brasil está em crise. Desmotivação, estresse, falta de valorização social, falta de formação adequada, poucas condições de trabalho, insegurança, falta de reconhecimento econômico, entre muitos outros pontos negativos, incomodam o desenvolvimento positivo de uma sociedade. De acordo com Nóvoa (1999), é preciso uma reconstrução da imagem pública do educador. Poderíamos remeter o que está acontecendo em nossa sociedade ao que Platão, no século V a.C., já temia com a instalação da democracia; na época, uma escola para todos era vislumbrada pelo teórico como a desordem. O artigo “Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas”, de Antônio Nóvoa, propõe um resgate social da profissão docente e a definição de políticas educativas mais coerentes, o que nos revela a insatisfação frequente dos profissionais da área.

É relevante que se preste mais atenção no que acontece dentro de sala de aula. Entender esse mecanismo faz-se necessário para desmistificar o exercício inescrupuloso do poder do professor como detentor do conhecimento, para que então se torne mediador e crie novas maneiras de estimular o aluno a estudar. Esse objetivo parte da percepção do desinteresse dos alunos em adquirir conhecimento; estão “enfeitiçados” pela dinâmica das informações, que se perdem muitas vezes quando não absorvidas e contextualizadas. Ter conhecimento é uma coisa, estar informado é outra. É preciso mudar esse fato; é necessário que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de maneira eficaz, para que a sociedade se forme de maneira leal a todos.

Temos, então, uma discussão já desatualizada se nos referirmos a quantas vezes esse tema já foi levantado e debatido em nossa sociedade, mas ainda necessária, pois o professor ainda não consegue ser o mediador em muitos momentos. Alguns professores ainda apresentam reação de repulsa, e a questão se faz ignorada pelo educador que muitas vezes não se atualiza. O professor, como profissão, poderia estar lendo mais, estudando mais, mas ao mesmo tempo, tendo mais tempo para seu lazer e para sua família, dentre muitos outros quesitos importantes para uma vida saudável. Talvez, então, esse profissional de suma importância na sociedade seria valorizado e estimulado.

A sala de aula é mais um momento de troca, porém, mediada por um professor que precisa estar sensível ao meio, para então cumprir o seu verdadeiro papel de educador. É aquele que estimula o pensamento do aluno, aquele que instiga o mesmo a perguntar. A aula é coletiva, mas a aprendizagem é individual; por isso, há a necessidade de se chegar bem perto, de interagir com cada aluno. Isso não é fácil, devido justamente à diversidade

tratada neste artigo.

É necessário que a instituição de ensino reconheça e não ignore a diversidade cultural. O aluno deve ser visto como um ser que pensa e age sobre influências socioculturais envolvidas nas experiências humanas, de acordo com os pensamentos de Jean Piaget e Vygotsky. Por isso, o educador deve contextualizar o conhecimento, levando em consideração o repertório de seus alunos durante o processo de ensino-aprendizagem. Para que o professor consiga atingir o seu papel de forma eficaz, entretanto, é necessária atenção aos alunos com direcionamento, como um atendimento individualizado, personalizado. É fato que há a necessidade de uma alteração emergencial no sistema de ensino, como, por exemplo, no que tange à redução do número de alunos em cada sala de aula para que então o processo de ensino-aprendizagem possa ser mais direcionado à realidade dos alunos.

O maior desafio é aprender a conviver com as diferentes possibilidades de expressão do ser humano em qualquer idade, e fazer do sistema social, mais direcionado neste artigo ao sistema educacional, uma estrutura capaz de abrigar essa multiplicidade. Oferecer oportunidades ao desenvolvimento dos diferentes segmentos que compõem a sociedade e, sobretudo, de se abrir às potencialidades de construção da cultura, é o que se espera nos dias atuais, para todos os atores da educação, tanto alunos quanto professores.

Referências

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. 2. ed. Brasília, DF: MEC, Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2000. 10 v. ISBN 8586584703(v.1) Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

DAMATTA, R. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LÉVY, P. *O que é virtual?* Rio de Janeiro. Ed. 34, 1996.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

NÓVOA, A. *Os Professores na Virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza*

das práticas. *Educação e Pesquisa*. v. 25, n. 1, 1999.

PIAGET, J. *Aprendizagem e conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em 21 de outubro de 2014.

Aprovado em 06 de março de 2015.